

Primeiros Escritos

EternamenteSou: o papel da tecnologia na construção de vínculo nas velhices LGBTQ+



*Beatriz Sales Urquiza
Dora Lígia Richieri Gomes
Millena Siqueira Santos
Vivian Holovaty Suhorebri*

Introdução

Nota-se o crescente fortalecimento da luta LGBTQ+ por direitos e visibilidade. Apesar disso, a sexualidade LGBTQ+ ainda é tratada como um tabu. Dentre essa parcela da população, há ainda aqueles que enfrentam um tabu a mais, somado ao anterior: a velhice. Apesar da luta contra LGBTQ+fobia, ser uma realidade há anos, com o natural envelhecimento dos seus ativistas, pouco se sabe e fala sobre como é a vida do (a) velho (a) LGBTQ+. Isso se dá não somente pelo ativismo, mas também pela própria área da saúde, como se observa neste trecho:

[...] há uma tendência ao apagamento, pela gerontologia, das experiências de envelhecimento e velhice que questionem ou escapem das convenções heteronormativas. Portanto, como se vê, a velhice do

homossexual ainda carece de pesquisas acadêmicas de pautas específicas dos movimentos LGBTQ na consolidação de leis, além de um amplo leque de especializações nas ciências médicas e sociais. (DEBERT e HENNING, 2015, apud LEAL; MENDES, 2017, p.20)

Além de ser negativa, essa invisibilidade do envelhecimento LGBTQ+ pode representar um grande retrocesso, pois para muitos essa bandeira representou, ao longo da vida, motivo de muita luta contra o preconceito, mas também de orgulho, pois encontraram a si mesmos, genuína e livremente, mesmo com as sérias limitações impostas pela sociedade. Ao se perceberem envelhecidos, esse sentimento de pertencimento e acolhimento pode se perder, já que se veem, novamente, como minoria invisibilizada, como abordado por Leal e Mendes (2017, p.20):

Para os integrantes de uma geração que viveu, e de certa forma ainda vive, acuada pelo preconceito e discriminação, é muito difícil enfrentar tudo novamente quando chega à terceira idade, época em que normalmente estão mais fragilizados fisicamente e são dependentes dos cuidados de terceiros. Muitos temem por sua integridade física e moral e por esse motivo receiam não encontrar outra saída senão a 'volta para o armário', um retrocesso e um desrespeito consigo mesmo.

Outro desafio cotidiano é a expansão e aproximação da comunidade LGBTQ+ por meio da tecnologia. As facilidades proporcionadas pela internet, como grupos de apoio, convites para eventos, e até a oportunidade de conhecer pessoas novas tornam-se limitados àqueles que têm acesso e facilidade de compreender como ela funciona. Assim, apesar de benéfico e fortalecedor para ativismo de jovens, percebe-se um afastamento e silenciamento de uma parcela dos velhos LGBTQ+.

Este artigo buscou dar voz a esta parcela da população, pois acreditamos ser de extrema importância não esquecer estes lutadores, que merecem respeito e admiração pela resistência e pelos direitos conquistados. Ainda há muito espaço a ser ocupado e voz a ser ganha na sociedade pela comunidade LGBTQ+ mas, para que isso aconteça devemos lembrar como se chegou até onde se está.

EternamenteSou

EternamenteSou é a primeira organização social no Brasil, criada em 2017, voltada à visibilidade, capacitação e atendimento às velhices LGBTQ, como uma organização de profissionais que se uniram para fomentar a implantação de serviços e projetos voltados ao atendimento psicossocial a pessoas LGBTQ 60+. Foi lançada no primeiro seminário "Velhices LGBTQ", organizado pelo mesmo grupo de profissionais.

A associação não tem fins econômicos, políticos ou partidários, e tem como finalidade promover atendimento multidisciplinar, orientar o bem estar e saúde, favorecer atividades recreativas, programas e oficinas para integração entre as diversas idades da população LGBT, além de buscar a promoção da cidadania plena.

Atualmente, a ONG conta com diversos projetos - coral, dança, terapia, atendimento psicológico, seminários - fornecidos gratuitamente - além do encontro mensal, chamado de *Café & Memórias LGBT 50+*. Em aproximadamente dois anos de atuação, a ONG soma a realização de três seminários “Velhices LGBT”, um curso de “Introdução às Velhices LGBT”, e a realização mensal do “Café & Memórias LGBT 50+”, em São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro, além da participação em vários eventos científicos, fóruns, conferências e premiações voltadas aos Direitos Humanos e reconhecimento na comunidade LGBT.



A organização se pauta na ideia de que o espaço para escuta é fundamental, garantindo o lugar de fala, de forma a trazer os idosos para a construção da programação, para que eles se tornem proponentes. O “Café & Memórias LGBT 50+” é um dos principais eventos realizados pela ONG e já abordou diversos temas, dentre eles a solidão, o corpo, as questões sobre invisibilidade das velhices LGBT, a sexualidade, a história do movimento LGBT no Brasil, entre outros temas.

A associação não possui um espaço físico fixo, porém possui páginas nas redes sociais - *Facebook, Instagram e YouTube* -, em que fazem posts constantes, além de um site próprio e um telefone para contato.

Redes Sociais



As redes sociais são utilizadas pela organização para divulgar seus trabalhos, eventos, cursos, projetos e abordar questões que permeiam as condições das velhices LGBT+ como forma de chegar aos sujeitos, chamando-os para fazer parte da associação. É importante mencionar que as redes sociais da *EternamenteSou* não são administradas por integrantes velhos, porém estes sempre se fazem presentes, nos vídeos e fotos postadas, e comentando as publicações.

Instagram

Ao se analisar as redes sociais utilizadas pela *EternamenteSou*, é possível afirmar que o *Instagram* é uma das mais utilizadas para divulgação dos eventos e da própria ONG, com participação ativa da comunidade LGBT, tanto pelos já participantes, quanto daqueles que não haviam ainda entrado em contato com o projeto. Na entrevista a nós concedida, Diego Félix¹ relatou que a maior parte dos novos participantes entra em contato com a organização através das redes sociais, o que mostra a relevância da tecnologia para a expansão da ONG.

Os posts contam com divulgações das atividades realizadas, como o “Café & Memórias LGBT 50+” e os Seminários “Velhices LGBT”, também como fotos do grupo após as reuniões. Na rede é possível identificar o uso de vários termos, expressões, jargões e ‘memes’ concernentes à comunidade, tanto nos comentários, quanto na própria legenda das postagens. O uso de *emojis* também é abundante e frequente. Assim, toda a comunicação entre a organização e a comunidade se dá de maneira direta, e todos os comentários são respondidos pela sua conta oficial.

Facebook

A página oficial da ONG no *Facebook* é usada com as mesmas finalidades, mas nela também são compartilhados eventos que não são organizados pela ONG, mas que dizem respeito às pautas abordadas por ela, como a Parada LGBT+ de São Paulo.

¹ Diego Felix Miguel é mestre em filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), especialista em gerenciamento da saúde de idosos pela Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS/OMS), especialista em linguagens da arte (USP). Especialista em Gerontologia pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG); membro do Conselho Estadual do Idoso de São Paulo. Padrinho da EternamenteSOU. Desenvolve ações para o debate dos direitos de idosos LGBT.

YouTube

O canal do *YouTube* apresenta menor importância, se comparado com o perfil no *Instagram* ou com o site, pois conta com poucos vídeos. Entretanto, os conteúdos dos vídeos são mais longos, como dos seminários “Velhices LGBT”; e vídeos curtos que reúnem alguns momentos dos encontros do “Café & Memórias LGBT”, com depoimentos de frequentadores; outro vídeo mostram depoimentos de vários participantes sobre o que a ONG significa para eles; e um mostra os velhos participantes comemorando o Dia dos Namorados.

Site

O site da *EternamenteSou* possui conteúdo variado, entre os quais sobre os cursos oferecidos pela ONG e como fazer a inscrição. Há um espaço reservado que contém todas as informações a respeito da Instituição: seu estatuto; quem faz parte da equipe e qual cargo ocupa; quais são os parceiros apoiadores; suas aparições na imprensa, além dos possíveis meios de entrar em contato por telefone e *email*.

No site também é possível encontrar informações a respeito dos eventos e projetos liderados pela Instituição, como o coral e o fornecimento de atendimento psicológico grátis para os idosos LGBT, com os psicólogos da ONG, além de um blog e uma página que permite que sejam feitas doações para a *EternamenteSou*. Por fim, é possível encontrar na página inicial depoimentos de participantes sobre como a ONG impactou ou tem impactado suas vivências.

Percebe-se a enorme importância da organização na rotina e na dimensão subjetiva tanto dos velhos que dela participam, quanto dos funcionários que atuam em suas diferentes áreas. Eventos como o Seminário Velhices LGBT+, que proporciona vivências, discussões e manifestações artísticas, são fundamentais para a integração e compartilhamento de experiências entre um público que é constantemente excluído das pautas discutidas no Brasil atualmente.

Além da participação dos membros nesses eventos, é necessário reconhecer o impacto do encontro mensal - Café e Memórias LGBT 50+ - em três diferentes cidades do Brasil, além de cursos e conferências, somados as atividades artísticas, como o Coral LGBT, além do atendimento psicológico e suporte jurídico.

A organização pode ser considerada um grande avanço, pois é raro encontrar instituições, sem fins lucrativos, dispostas a lutar por essa causa de maneira tão politizada e organizada. É importante ressaltar a ‘invisibilização’ dessa parcela da população, enfatizada por Diego Felix que afirmou nunca ter identificado a questão da sexualidade nos serviços no qual atuou, e nos quais se nota a escassez de políticas públicas e de conscientização acerca do assunto, ignorado tanto pela população no geral, quanto pela comunidade LGBT e que também não entra nas pautas da comunidade 60+.

Apesar da forte presença nas redes sociais - fundamental para a divulgação e para que novos integrantes conheçam o *EternamenteSou* - a instituição

enfrenta dificuldades financeiras, por ser uma ONG sem fins lucrativos, o impede a ampliação das ações, em São Paulo e outros Estados, aliado à falta de um espaço fixo para os encontros e eventos.

Evento “Café & Memórias LGBT 50+: Especial Halloween”

No dia 26 de outubro, ocorreu uma edição do Café e Memórias LGBT 50+, um dos principais eventos da organização, do qual participamos, e que contou com uma dinâmica conduzida por um fisioterapeuta, uma roda de conversa e, posteriormente, um baile de *Halloween*. Para este encontro elaboramos algumas questões direcionadas aos participantes do evento, e a entrevista foi realizada com 2 membros de longa data do *EternamenteSou*.

A discussão foi conduzida por dois psicólogos com a presença de aproximadamente 50 pessoas, dentre as quais alguns jovens que foram apenas acompanhar o evento. Os principais pontos levantados se relacionaram com a dificuldade do acesso à informação nas periferias, dado que todos os movimentos periféricos, inclusive o LGBT, possuem como referência o centro da cidade.

Foi pontuada a integração dos acontecimentos na periferia, pois segundo um dos participantes, não existe uma segregação em grupos como, por exemplo, "gays com gays" e "travestis com travestis". O momento histórico atuou na ampliação dessas 'tribos', fazendo com que se tornassem mais homogêneas. Além disso, é importante ressaltar a grande influência exercida pela comunidade neopentecostal nas regiões periféricas, o que pode ser relacionado com a repressão contra LGBTs nesses locais.

Críticas foram tecidas acerca do movimento LGBT na modernidade, por ter aparentemente perdido sua "essência", relacionadas com a utilização das mídias sociais, pois segundo os participantes, todos procuram ser representantes de si mesmo e falta uma representação comum, que lidere as demandas dessa parcela da população. Também a questão da atuação da mídia a favor dos interesses do mercado foi abordada, visto que esse grupo agora é visto como consumidor.

A atuação da militância apenas na dimensão virtual foi outra questão apontada, e gerou comoção geral do grupo, visto que a luta não é apreendida como suficiente, ou concretamente efetiva, quando só se mantém na internet. O termo mencionado foi "militância de sofá" e se relacionava, principalmente, ao medo e receio que muitos têm de deslocar o ativismo do meio cibernético para o real - associado tanto a uma comodidade quanto a manutenção do grupo numa 'zona de conforto', como sugere esta afirmação: "seria muito mais fácil manter a militância pela internet que bater na porta do governo, do legislativo, executivo e judiciário e pedir direitos".

Neste sentido, foi levantada questão relativa às primeiras Paradas LGBT, evento de grande importância e dimensão, e que, segundo os participantes, possuía muito mais a 'cara' de protesto, assemelhando-se aos movimentos sindicais. Atualmente, o aspecto festivo e carnavalesco foi apontado com uma conotação negativa pelos mais velhos, com a expressão "rave a céu aberto".

Desse modo, o resgate de práticas mais combativas, críticas e organizadas, reivindicando por melhorias e por políticas públicas relacionadas tanto a comunidade 60+ quanto a LGBTQ, se configura como mais relevante para o grupo.

A "cultura do like" também foi outra importante questão neste debate, associada aos questionamentos: O que se faz depois dos likes? Nossos direitos serão garantidos dessa forma? A incapacidade desse tipo de ação para suprir as necessidades da comunidade foi muito enfatizada, destacando-se, a todo o momento, a necessidade de "dar a cara a tapa", expressão utilizada por diversos membros.

Por outro lado, a internet também foi discutida como algo que amplia a informação, se comparada com os meios de comunicação mais tradicionais – telefone, jornal e mesmo a televisão. Desse modo, destacou-se que entrar o contato direto aumenta a representatividade, processo que pode ser fomentado pela utilização de redes sociais e da pesquisa virtual, por exemplo. Um dos participantes afirmou que "nem toda rede social é ruim, depende do uso".

O sentimento de esperança teve grande importância na discussão, visto que o contexto político no Brasil, e no mundo, não favorece a parcela da população em questão, além de diversos outros grupos minoritários. Assim, apesar da preocupação e indignação gerada pela onda de conservadorismo e da crescente regressão de valores, o grupo mantém uma postura positiva frente às adversidades, acreditando que se trata apenas de um momento passageiro. Ademais, a importância de transformar a raiva, a mágoa, e o sentimento de injustiça em luta revolucionária, foi levantada durante a discussão, referenciando a posição teórica da ativista americana Ângela Davis.

Posteriormente, a questão da falta de acesso à internet voltou a ser mencionada, principalmente em relação à população idosa, e foi sugerida a realização de visitas aos idosos que moram em regiões distantes do centro. Os principais pontos relatados acerca desses encontros foram a solidão e a escassez de informação, preocupando-se com pautas distintas das tratadas pelo grupo, como exemplo.

A *EternamenteSou* foi citada como fator de mudança de visão e de vida para os participantes. Quando inserida no contexto das Paradas LGBTQ, foi relatada a confecção de cartazes e placas no evento, na tentativa constante de, além de comemorar e festejar, transmitir uma mensagem para o público, conscientizando-o em alguma medida. Além disto, a organização é vista como espaço que propicia acolhimento, aceitação, e fala para os idosos, que são, segundo os próprios membros da ONG, olhados e tratados de maneira diferente nos locais que frequentam.

Entrevista com membros da *EternamenteSou*

A entrevista foi realizada com dois membros da *EternamenteSou*: um homem gay (P.) e uma mulher lésbica (A.), ambos 60+ que participaram do especial de Halloween. As perguntas foram elaboradas buscando investigar como os

velhos LGBT costumam entrar em contato com a organização; quais são as demandas que os levaram a participar do grupo; as principais ações realizadas e assuntos abordados nos encontros.

Também questões específicas sobre sexualidade foram aplicadas, abordando o processo de aceitação; a relação com a tecnologia e as mídias sociais; o contato com a *EternamenteSou*; a relação com outros membros da comunidade LGBT, com o próprio corpo e com a passagem do tempo. Além dos temas militância LGBT, a crescente onda de conservadorismo, intolerância e ódio, e a questão da aproximação e do afastamento das pessoas por meio da tecnologia (principalmente da internet).

A mulher relatou ter entrado em contato com a *EternamenteSou* através de sua esposa, que é psicóloga e compõe a equipe de atendimento psicológico da organização. Dessa forma, não possuía nenhuma demanda específica, apenas viu na ONG um espaço para se expressar e discutir sobre pautas concernentes à velhice LGBT. Da mesma forma, o outro entrevistado conheceu a organização por meio de um amigo que já participava, e o informou sobre as propostas e projetos, atraindo-o para conhecer o grupo.

Relataram que o Café e Memórias LGBT 50+, encontro que se dá mensalmente para discutir uma temática específica e para troca de experiências e informações, procura discutir assuntos atuais, concernentes ao governo brasileiro e suas práticas, por exemplo. Segundo eles, a organização também realiza, além dos atendimentos psicológicos, consultas de suporte jurídico, e o Coral LGBT - que se reúne semanalmente, às quartas feiras – além de outros eventos, muito apreciados e aguardados.

Em termos de aceitação da sexualidade, ambos mencionaram processos muito demorados, dolorosos e cheios de dificuldades. A mulher relatou um contexto de repressão, característico da época, de modo que precisou passar toda sua adolescência e vida adulta se escondendo e reprimindo sua sexualidade, escondendo-se atrás de uma identidade que não era dela. Relatou que se envolveu com uma mulher, com quem se relacionou, por 18 anos, escondido, sem poder se comprometer com ela publicamente. O relacionamento acabou devido a esses obstáculos, período difícil na vida da entrevistada.

O participante relata que se assumiu para os amigos quando era jovem - teve uma “saída de armário” - mas que, a partir da pressão por parte deles, voltou a se ‘esconder’, por detrás de uma sexualidade com a qual não se identificava. Isso durou um longo período, no qual se envolveu com algumas mulheres, até ficando noivo de uma delas. Conseguiu, antes de se casar, aceitar sua sexualidade e assumi-la, já na fase adulta da vida. Comentou, porém, que seus pais não chegaram a presenciar esse momento de aceitação e de libertação, tendo falecido antes do acontecimento, assim como também se deu para a outra participante.

Esse tema se configura como corriqueiro no que se refere à velhice LGBT. Os valores conservadores de época eram impeditivos para a expressão de qualquer tipo de sexualidade que fugisse dos padrões heteronormativos e monogâmicos e, dessa forma, a solução comumente encontrada se

relacionava ao “controle” e repressão da própria verdade. O medo dos pais também aparece como algo muito forte, pois eram importantes figuras de autoridade que, muito provavelmente, não aceitariam os filhos após o processo de se assumir, o que causaria muito sofrimento.

Em termos de utilizar a tecnologia para conhecer pessoas LGBTQ+ ou se informar sobre o assunto, tanto **A.** quanto **P.** relataram que ela era importante para eles, principalmente no que diz respeito ao grupo do *Whatsapp* da ONG, e de outros grupos no *Facebook*. Contudo, a relevância desse tema para **P.** parece ser maior, visto que o mesmo mencionou durante a entrevista um fator importante até mesmo em seu processo de aceitação: o grupo dos “ursos”, que encontrou através de aplicativos de relacionamento. Segundo o entrevistado, é composto por homens gays que possuem ou se interessam por um determinado padrão corporal, no qual ele se encaixava - homens gordos e com uma quantidade considerável de pelos no corpo.

Ser inserido nesse subgrupo auxiliou o entrevistado a conhecer pessoas novas e a aceitar tanto a sexualidade quanto o próprio corpo, visto que relatou problemas de baixa autoestima nessa época. Perceber que havia toda uma subdivisão da comunidade LGBTQ+ que apreciava esse padrão corporal mudou sua visão de mundo e a forma de lidar com sua orientação sexual e expressar sua sexualidade. A mulher, por sua vez, relata que costuma ler artigos e notícias pela internet, além de participar de um grupo de *Facebook* de mulheres lésbicas, que se reúnem para realizar trabalhos voluntários - arrecadando dinheiro e brinquedos para crianças; ajudando moradores de rua; promovendo eventos inclusivos, entre outros. Em termos de alteração na forma com a qual se lida com a sexualidade, **A.** não relatou grande influência no contato com a tecnologia.

Em relação à percepção do corpo ao longo do tempo, **A.** relata ter tido complicações nesse assunto, pois já entrou na menopausa e agora precisa se adaptar a esse novo contexto, que influencia toda sua dinâmica corporal e psíquica. Além disso, não consegue mais realizar atividades como antes, pois fica logo cansada, e já não possui tanto “pique” para festas e comemorações. Esse cansaço também foi relatado pelo entrevistado, que encara essa temática de maneira negativa, pois sente falta da antiga disposição, além de relatarem dores nas costas, pernas e joelho.

Contudo, como tanto **A.** quanto **P.** já estão em relacionamentos estáveis, com pessoas na mesma faixa etária, e as problemáticas são compartilhadas pelos parceiros, que trocam experiências sobre isso e compreendem as dificuldades uns dos outros. Nesse sentido, a questão do contato com outros membros da comunidade LGBTQ+ com intenções amoroso-sexuais não faz parte da experiência atual dos entrevistados, muito menos no que se relaciona aos problemas em relação ao corpo envelhecido, nesse processo de ‘paquera’ ou ‘flerte’.

No que se refere ao contato com a *EternamenteSou*, os entrevistados relataram que suas vivências como LGBTQ+ foram alteradas pela organização, considerando o contato com outros membros da comunidade e a criação de vínculos com pessoas que passam pelas mesmas experiências, a promoção de

debates e de discussões politizadas, com exposição de diferentes pontos de vista, os eventos que trazem profissionais de diferentes áreas para discutir sobre uma temática específica, valorizando a multidisciplinaridade quando se trata da Velhice LGBTQ+, entre outros. É um lugar no qual eles se sentem acolhidos em suas diferentes experiências, o que se configura como extremamente importante em tempos de tanta intolerância a nível nacional, segundo eles.

Em relação à militância da comunidade LGBTQ+, muitas críticas foram tecidas em relação ao Presidente da República Jair Bolsonaro, e reconhecem a importância da luta contra o governo e sua política preconceituosa. Neste sentido foi novamente abordado o problema da militância restrita aos meios virtuais, que não é considerada suficiente para combater a política vigente.

É importante destacar que, tanto na discussão relatada anteriormente quanto nas entrevistas individuais, o posicionamento masculino nessa questão específica da luta “real”, “concreta” e “nas ruas” apareceu de maneira mais efetiva e intensa que no posicionamento feminino. Esse fato pode se associar à maior opressão sofrida pelas mulheres desde quando nasceram, e durante todo seu processo de socialização - machismo/misoginia estruturais.

Além das dificuldades de ser lésbica/bissexual/transsexual, e os obstáculos trazidos pela velhice, as mulheres velhas LGBTQ+ enfrentam a opressão do machismo exercida socialmente e, talvez, seja um dos motivos pelo qual exista um maior receio dessa exposição nas ruas. Além da psicóloga que conduzia a discussão, poucas mulheres se pronunciaram no momento do debate, de modo a participar majoritariamente, concordando com falas produzidas por homens, mesmo que o debate tratasse de um tema concernente à todos.

Por outro lado, a tecnologia foi colocada pelos entrevistados como uma forma de conectar e aproximar as pessoas, divulgando informações que não seriam acessadas sem ela. Assim, uma conotação positiva permeou essa questão, destacando a união entre as pessoas por meio desses recursos.

No que diz respeito ao momento político brasileiro, e o escancaramento do ódio através das redes sociais, pois as pessoas não possuem mais a preocupação de se esconder, ou deixar de se expressar de formas preconceituosas e intolerantes. Os entrevistados relataram que isso se configura como um grande problema e que, apesar do impacto que esse preconceito causa neles, é importante caminhar em um sentido de luta, resistência e enfrentamento.

Constatou-se que medo permeia as relações desses velhos, principalmente no que diz respeito à violência crescente e à volta de práticas comuns em períodos ditatoriais, experiência com a qual tanto **P.** quanto **A.** tiveram contato direto durante sua infância e juventude.

Conclusão

Assim, com base nas informações coletadas nas redes sociais da ONG, pelas entrevistas e pelo encontro, verifica-se a necessidade de construção de novos espaços, e ampliação dos já existentes, que promovam a integração,

expressão, criação de vínculo, identificação e o sentimento de pertencimento a um grupo se faz muito presente é necessário a este público.

A promoção de políticas que contemplem essas minorias, principalmente no que diz respeito ao atual cenário político brasileiro, é uma questão à qual deve ser dada visibilidade e que merece respaldo da sociedade. Pessoas velhas LGBTQ+ já manifestam o temor de mostrar quem são, no período em que se encontram, pelo receio das reações exteriores, em momento no qual o conservadorismo esta mais forte e explícito. Após lutar tantos anos para ter sua verdade conhecida e reconhecida, as velhices LGBTQ não deveriam temer uma 'volta ao armário'.

Além disso, o uso de tecnologias, e das redes sociais especificamente, demonstrou ter importante papel na atuação da organização *EternamenteSou* e, conseqüentemente, das velhas e dos velhos LGBTQ que puderam entrar em contato com ela. Tal fato pode servir de modelo para evidenciar que as redes sociais podem ser favorecedores de mudança social, como ferramenta de divulgação de organizações e grupos de minorias que buscam se encontrar para se fortalecer. Assim, demonstra-se que o uso da tecnologia, vista como excludente para a velhice LGBTQ+, também pode ser transformada.

Referências

AGUIAR T. S. A.G. *et. al.* Velhice LGBTQ: uma análise das representações sociais entre idosos brasileiros. *Cienc. Psicol.*, Montevideo, v. 11, n. 2, p. 155-163, nov. 2017.

DEBERT, G.G; HENNING, C.E. Velhice, gênero e sexualidade: revisando debates e apresentando tendências contemporâneas. *Mais 60 – Estudos sobre Envelhecimento*. Vol. 6 n. 63 dezembro 2015, pp.8 – 31.

ETERNAMENTESOU. EternamenteSou. Página inicial. Disponível em <<https://eternamentesou.org/>>. Acesso em: 12 de nov. de 2019.

FLEURY, L. Para tirar idosos LGBTQ da invisibilidade. *Revista Aptare*. São Paulo. v. 33, 2019.

HENNING, C.E. Gerontologia LGBTQ: velhice, gênero, sexualidade e a constituição dos "idosos LGBTQ". *Horiz. antropol.*, Porto Alegre, v. 23, n. 47, p. 283-323, Apr. 2017.

LEAL, M. G. S; MENDES, M. R. O. A Geração duplamente silenciosa - velhice e homossexualidade. *Revista Portal de Divulgação*, n. 51, 2017.

Data de recebimento: 15/11/2019; Data de aceite: 15/12/2019

Beatriz Sales Urquiza, Dora Lígia Richieri Gomes, Millena Siqueira Santos e Vivian Holovaty Suhorebri - Estudantes do segundo ano do curso de Psicologia da PUC-SP. Este artigo é resultado parcial do trabalho final apresentado na eletiva "Relações Intergeracionais Mediadas pela Tecnologia", na PUC-SP, ofertada à universidade, e ministrada pela profa. Beltrina Côrte, segundo semestre de 2019. E-mail para contato: doraligia.rg@gmail.com.